

A CRISE EM FRANÇA

O capitalismo provoca o agravamento da situação económica do povo

Uma tremenda convulsão ameaça perigosamente a república burguesa e capitalista de França. Consequência desastrosa de uma política de imperialismo, nascida da urgente necessidade de a economia francesa e o interesse do capitalismo se restabelecerem do que a França perdeu na guerra, para sempre, a-pesar da sua ocasional vitória. Essa política teria de ser feita à custa dos estados havidos como vencidos, mais por tratados do que por sorte bélica.

O capitalismo nada perderá na actual convulsão que desagrega a França; a sua feição internacional, cosmopolita, não lhe dará outra atitude que a de uma firma despeitada por se ter falhado um negócio; em breve, hoje mesmo, talvez, nós saberemos, sem surpresa, que as fortunas dos maiores capitalistas se acham recatadas no estrangeiro, na própria Inglaterra, causa próxima da derrocada que ora se observa.

Apenas a economia do povo, da comunidade que tudo produz, ficará em ruínas. O trabalho vai faltar porque a incompetência do capitalismo na administração social vai falir todas as indústrias; o custo da vida agravar-se há, lançando a multidão no desespero e na revolta.

O abalo já se vinha sentindo há longo tempo, quasi sem intermitências. Para manter a nação em guerra, o capitalismo empenhou a nação. Surgiram, na paz seguinte, formidáveis encargos financeiros impossíveis de saldar.

A anexação de Alsácia-Lorena, duas províncias de índole germânica, que ao baixo patriotismo considerou irredentas, a posse arbitrária das minas e das indústrias do Sarre, o desenvolvimento forçado da indústria francesa, não puderam cobrir os encargos advindos das dividas de guerra, da reconstrução de cidades.

As dificuldades da vida atribulavam as classes trabalhadoras, a-pesar-da sua indiferença pela sorte da nação e do estado, ao mesmo tempo que o capitalismo aumentava desmesuradamente os seus lucros na exploração do monopólio das regiões devastadas, do privilégio das sociedades anónimas, dos vastos «trusts», das especulações financeiras. Os males da pátria, que lhes obrigam a servir, as queixas do povo, único a ter razão nesta hora de catástrofe—são coisas de que o capitalista não cuida, porquanto não dão lucro nem oferecem especulação.

O interesse colectivo só merecia o desprezo do capitalismo. E assim que a fundação da grande indústria provocou o exodo dos camponeses para as cidades, desfalando as necessidades de consumo pela maior improdutividade agrícola. Como não podia ser doutro modo, visto que os governos apenas servem o interesse capitalista, sucessivas emissões fiduciárias eram autorizadas a fim de se favorecer a exploração industrial, assim agravando o custo da vida, depreciando os salários e elevando o preço dos generos.

O governo do sr. Herriot em terra
PARIS, 21.—Na apresentação do governo, esta tarde, na Câmara, o ministro das finanças deu explicações acerca dos seus projectos financeiros, falando a seguir o sr. Herriot. Posta a questão de confiança, a Câmara regeitou por 290 contra 237 votos.—H.

A demissão do governo
PARIS, 21.—O governo apresentou a sua demissão às 22,30 horas.—(H.)

A rivalidade anglo-russo
LONDRES, 21.—O sr. Chamberlain declarou hoje na câmara dos comuns que os subditos britânicos residentes em Vladivostok, Mürmsk e Archangel, têm formulado vários protestos contra as prisões efectuadas pelas autoridades soviéticas, sempre que forças navais ou militares britânicas desembarcam naquelas cidades. O ministro dos estrangeiros afirmou que o governo inglês está firmemente disposto a apoiar aqueles protestos quando se tratar da regulamentação de várias questões, cujas negociações estão sendo entabuladas com o governo dos soviéticos.—(L.)

Prisões misteriosas
Encontram-se presos e incomunicáveis, parece que no posto do Teatro Nacional, os seguintes indivíduos:
Mário Henriques Coelho, António Gonçalves, João Marques, António Soares, José Augusto da Costa, João Rodrigues da Silva, Guilherme Seabra, Inácio dos Santos Quintino, Manuel Leal, Leonel da Cruz, Carlos Campos, Manuel Bento Júnior, Júlio Carlos, Eduardo António Alves, José Sousa Dias.
Estes indivíduos segundo nos informam na sua maioria não têm cadastro e ignoram o motivo da sua detenção e incomunicabilidade.
Porque se efectuaram estas prisões? A que motivo obedecem?

UM CASO REPUGNANTE

Um "piedoso" missionário acompanhado de infames sicários rapta em Africa duas crianças violando um lar

Todos os dias aparecem factos que confirmam a nossa formidável campanha contra a seita católica. Este a que damos hoje guarida é tão repugnante, tão revoltante que a pena se enoja a comento-lo.

Limitamo-nos a transcrever-lo do *Comércio*, de Benguela, jornal insuspeito, onde appareceu à luz da publicidade.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para os factos que abaixo se relatam. E se eles não formarem um anti-clerical em cada letter, pronto a combater essa seita de malvados a quem foi permitido agora o ensino das suas doutrinas nas escolas, é porque os leitores são de pedra e não têm coração.

... Sr. redactor do jornal *O Comércio*—Benguela.
No dia 12 do corrente, em Catabola de Chicuma, C. C. de Caconda, praticou-se um crime horrível, que explicação alguma do seu perpetrador poderá justificar.

Por volta das 16 horas, dirigiram-se para minha casa, sítio em Catabola de Chicuma, o padre Domingos Vieira Baião, Adriano Lourenço Maia, sua mulher Amélia Brandão Maia, L. da C. Andrade, Manuel Martins Cabeço e Acácio Neves.

Note-se que eu estava ausente, a 70 quilómetros de distância, e tinha deixado como único guarda da minha casa a minha companheira, rapariga indefesa e mãe de três filhos meus, um de 5, outro de 4 e outro de 1 ano de idade.

Dirigiu-se, pois, aquele bando, capitaneado pelo padre, para minha casa, por volta das 16 horas, e ali permaneceu até à noite.

Que negócios tão urgentes ou assuntos tão importantes levariam aquela malta a permanecer, pelo menos duas longas horas, em minha casa, onde apenas encontraram uma mulher indefesa com três crianças?

Já depois do sol pôsto, o padre Vieira, dirigindo-se à mãe dos meus filhos, disse-lhe:—Visto que o padre Nunes não está, eu vou levar os filhos dele.—O senhor não pode levar as crianças, respondeu-lhe a mulher indefesa, sem me apresentar por escrito, a autorização do pai.—

—Não só levo estas crianças, retorquiu o padre Vieira, mostrando as duas maiores, como também essa que tens ao peito, e levote-a também a ti.—Eu não posso ir, porque não posso abandonar a casa alheia, confiada à minha guarda, pelo pai de meus filhos.— Pois embora tu não vás, retorquiu o maligno Vieira, os filhos levoo.—E, sem mais atender aos protestos aflitivos da pobre mãe já em lágrimas, o abutre arrebatou-lhe os dois filhinhos, já desfeitos em lágrimas com medo, e pôe-os aos ombros de dois serventes meus que ali estavam, e manda marchar lá para cima, em direcção à camionete de Nascimento Pires, Limitada, do Longojo, já preparada para o rapto, e que esperava na estrada, a 15 minutos de minha casa.

Já muito depois do sol pôsto, saiu de minha casa o cortejo fúnebre; à frente, sobre os ombros de dois serventes meus, impellidos à força, duas inocentes criancinhas, meus filhinhos, uma menina de 4 anos e um menino de 5, derretendo-se em lágrimas e desaziendo-se em gritos aflitivos, por se verem tão cruelmente arrebatados a sua mãe; a seguir, marchava o capitão de bandidos, o Padre Vieira, o cruel raptador de meus filhinhos, e atraz dele, os atrevidos sicários que o acompanharam em

tão negrada acção!...; por fim, fechando o préstito fúnebre, lá segue a mãe debulhada em lágrimas, chamando ainda para que lhe restituam seus filhos, mas debalde, porque ao longe, na espessa sombra da noite, apenas sente o rosnar da fera cruel que lhe arrebatou os inocentes filhos, e que a toda velocidade se afasta lá para os lados do Salundo...

Sr. redactor, à face da Sociedade Portuguesa, à face da Humanidade inteira, à face da Justiça, protectora de inocentinhos, e em nome dos sentimentos paternais e maternais mais santos e puros, eu venho protestar altamente contra tão negrado crime, praticado pelo infame celerado, que outro nome não merece o jesuita Domingos Vieira!...

Estou em Angola há 13 anos, e nunca ouvi que, até nossos dias, se praticasse um crime semelhante! Sabe, sr. Redactor, que justiça neste momento, o meu coração de pai ferido por tão rude golpe, applicaria ao nefasto jesuita?

Fá-lo-hia responder a um processo sumário e, imediatamente, suspensão dum mastro no largo público, para que todos os que fôsem passando, lhe escarrasem no cadáver o nojo profundo que lhes causa a noticia de tão arrojado crime, por esse monstro praticado!...

Sr. Redactor, cumpre prevenir as nossas autoridades de que necessário é exercerem a máxima vigilância sobre as acções praticadas por esses missionários, que o Tesouro Público tão generosamente subsidia.

Pelo que acima acabo de expôr, o padre Domingos Vieira Baião, creio que superior da missão do Quando-Huambo, abusou da minha casa (estava eu então a 70 quilómetros, em Caconda, doente de cama) demorando-se nela desde as 16 horas até depois do sol pôsto, acompanhado dos seus sicários; abusou da minha companheira indefesa arrebatando-lhe cruelmente e à força, dentro de minha casa dois filhinhos, depois do sol pôsto, cometendo por conseguinte, o crime de rapto de criancinhas, de noite, dentro da casa dum cidadão, estando este ausente e encontrando-se apenas nessa casa a mãe das criancinhas, uma rapariga indefesa.

No dia 25 de Abril cometeram aqui, em Caconda, os padres e irmãos da missão, um outro crime, senão tão cruel como o que acima expuz, ao menos tão repugnante! Por meio de conselhos, mil instâncias e correctores vários, induziram a companheira dum cidadão, que estava com elle há 12 anos e é mãe de seus filhos, induziram-na a abandonar o seu homem e seus filhos, para ir à missão, e uma vez que lá a apanharam não mais a deixaram regressar a sua casa, detendo-a fechada na missão das Irmãs, debaixo de vigilância rigorosa e incomunicável com o pai de seus filhos! Prova-se isto que escrevo por um bilhete que a deitada escreveu ao seu homem pedindo-lhe que a fosse libertar da prisão em que estava.

Sr. redactor, estes factos fazem lembrar os numerosos feitos dos jesuitas na Europa; aqueles corvos negros, por exemplo, a intrometrem-se na vida das famílias, para af semear a discórdia, envenenando, com insinuações, as mulheres contra seus maridos, os maridos contra suas mulheres, os pais contra os filhos e os filhos contra os pais, conseguindo, às vezes, desviar grandes heranças dos legítimos herdeiros em beneficio dêles proprios.

Francisco NUNES DA SILVA

Em volta dum incidente

Com pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Caros camaradas Ferreira de Castro, Jaime Brasil, Pinto Quartã e Eduardo Frias—Com profunda máguia li a vossa declaração publicada em *A Batailha* de ontem. E deixai que vos diga que embora de acordo com o que expondes, não o estou quanto à resolução por vós tomada. E' evidente que, desde que a vossa profissão é escrever, dela tereis que tirar os indispensáveis meios de subsistência. E a vossa qualidade de idealistas não supre só por si as necessidades da vida. Logo, a vossa produção deve ser paga, quer seja para A, quer seja para B. Porquê portanto a insultuosa insinuação? A esta pergunta ficamos todos sem resposta. Mas, em meu critério, figura-se-me que com a vossa resolução, ides dar ensejo a que as linguas viperinas digam que não procedestes por coerência, mas sim porque vos quebraram o tacho. Mas o que mais me interessa quanto à vossa resolução, são as consequências desastrosas do vosso gesto. A' minha outros camaradas, igualmente atingidos, retirar-se não também e não virá logo o dia em que olhemos uns para os outros, ou melhor, os poucos que ficarem que tiverem esse cúmulo de coragem—olharão para as paredes, para as mesas vazias, e supplicarão inutilmente às canetas que cumpram a sua missão. Ah! Já sei o que me ides responder: Ficam os que agora insinuam. Pois aqui é que está o nó gordão. Não será então preferível ficarem todos nos seus postos, e se isso se torna necessário, expulsar os «maus pastores»? Podeis alegar que não vos retirais da lida; mas é no campo em que tendes pelejado que a vossa cooperação se torna indispensável. E' nos órgãos operários que a vossa acção deve ser empregada, pois que noutros lados ela passará despercebida a quem mais ella interessa—ao operariado.

Não vejais nesta uma súplica ou coisa semelhante. O meu fim é provar-vos que ainda nesta sociedade, ainda no meio que tendes vivido, há homens livres e tolerantes. E, posso garantir-vos—desnecessário será—que como penso inúmeros camaradas. E como assim é, permito-me apelar para vós e para os que pensam proceder de igual modo, que não é com a nossa reticada que combatemos o espirito liberticida e intolerante que se vem verificando. Vosso e da causa.

Manuel NUNES
Operário do mobiliário

Os desaires da aviação
PISA, 21.—Quando ontem se procedia a vós de experiência do novo aparelho destinado à grande viagem inter-continental do comandante De Pinedo, o avião caiu ao mar, afundando-se. O avião de Pinedo e os três officiaes que o acompanhavam ficaram ligeiramente feridos. O aparelho é hoje retirado do fundo do mar, e De Pinedo telegraphou ao ministro da aeronautica comunicando-lhe que o accidente não causará a desistência da viagem.

NOTAS & COMENTARIOS

O valor da modestia
O nosso correspondente em Aleboça enviou-nos, no final da sua correspondência a seguinte nota particular que nós entendemos tornar pública:

*Agradeço, como sempre, as emendas às minhas gafes. Mas creiam que não sou culpado. Nunca entrei numa escola, nunca tive professores. Não sei por onde se começa nem por onde se acaba...
*O pouco que sei, devo-o ao meu esforço!...

Meu pai era ferroviário, activo e inteligente, mas ambicionava que eu um dia fôsse ministro e a ministros dispensa-se a instrução!...

Devemos dizer, por ser justo, que este nosso correspondente é uma pessoa verdadeiramente inteligente e, por isso, modesta e atilada. Publicamos a sua nota cheia de sinceridade e de ironia como uma resposta indirecta aos pretenciosos que supõem valer muito quando são autenticas nulidades dum vaidade ridicula e insupportavel. Serve para nos compensar dos artigos de supostos camaradas de que ninguém conhece uma boa acção e que além de escreverem baseirolas pretendem, por mera e ignobil vaidade pessoal, vê-las publicadas na integra.

Um estranho «complot»
Os jornais falam de uma maneira vaga num vago atentado contra o comandante da policia, tenente-coronel Ferreira do Amaral. No «complot» estavam implicados alguns antigos agentes da policia que haviam sido expulsos daquela corporação, tudo indicando, portanto, que se tratava dum vingança de ex-assalariados do go-

verno civil. Pois, não o entenderam assim as autoridades que realizaram a captura de vários elementos operários, alguns há muito arredados das lides proletárias e sindicais.
São paradoxais essas prisões.

A volta ao mundo em avião
Dissemos ontem que não fazia sentido que um país pobre de estradas e de meios de transporte como o nosso se metesse na luxuosa aventura de dar a volta ao mundo em avião. Mas ateis seriam as carreiras aérias comerciais. Também os officiaes em serviço na Aeronautica Naval se manifestaram contra alegando, entre outras razões, a pobreza de recursos do país, a quasi nulidade politica do «raido», que este não se poderia fazer sem o apoio de navios de guerra, principalmente no Oceano Pacifico.

Bradar no deserto
Chama-se a isto bradar no deserto—mas não nos cansamos de bradar. Não há uma única razão que justifique a existência da censura à imprensa. Tudo indica que o governo se considera seguro da situação. A normalidade, a avaliar pelas medidas que ultimamente tomou, fazendo recolher a quartéis as tropas que se encontravam concentradas em Sacovém, parece estar assegurada. Povê persiste, pois, a censura? Para ler os jornais antes de elles apparemrem à luz da publicidade? Porque não os lê depois, como toda a gente? A censura é hoje para o governo uma inutilidade, como sempre o foi para a imprensa. Sabemos que estamos bradando no deserto, mas continuamos a bradar.

Um grande hotel
O Palaco Hotel da Curia
No domingo próximo inauguram-se as novas instalações do esplendido Palaco Hotel da Curia. Este suntuoso edificio que obedece a todas as exigências modernas, ficará dotado de todos os melhoramentos, comportando mais de cem quartos, mobiliados com todo o conforto e hygiene. Foi o sr. Alexandre de Alameda que dotou a Curia com esta monumental construção em que teve grande parte de esforço a industria nacional que contribuiu integralmente com tudo o que é necessário a uma instalação moderna. Inaugurar-se-há no mesmo dia a estação provisória de caminhos de ferro, que fica situada entre Malhado e Mogofor. Dentro de pouco tempo ficará construída a estação definitiva que será em estilo D. João V.

Nas cerimónias da inauguração da instalação do hotel, estação provisória e lançamento da 1.ª pedra para a definitiva estação far-se-há representações a imprensa, várias colectividades e elemento official.

LER E ASSINAR
Os Mistérios do Povo

A queda catastrófica do franco

Foram tomadas medidas excepcionais
PARIS, 21.—A nova descida do franco, pois a libra encerrou-se ontem a 242,50 francos, está originando um pânico sempre crescente. As portas dos Bancos foram-lhes longas «bichas» de pessoas que levantavam os seus depósitos e adquiriam valores estrangeiros. O governo, no seu conjunto de medidas, proibe a publicação das cotações do franco, e as bolsas comerciais de Paris e Marselha deliberaram suspender a publicação dos preços do mercado. O governo está elaborando um decreto pelo qual todos os comerciantes e empresas comerciais são obrigados a aceitar o papel-moeda francês em pagamentos de qualquer espécie.

Contra os estrangeiros
PARIS, 21.—Repetiram-se ontem as manifestações contra os estrangeiros, ás quais a policia pôs rapidamente termo. Todos os combóios que se dirigem para as fronteiras vão literalmente apinhados de passageiros.

As novas propostas de finanças
PARIS, 21.—Os novos ministros reuniram-se em conselho, examinando a situação financeira e encarregando o respectivo ministro, sr. Monzie, de elaborar as novas propostas de finanças que têm de ser presentes ao parlamento.

A repercussão na Bélgica
BRUXELAS, 21.—Os exportadores de carvão deliberam recusar-se a aceitar francos belgas em pagamento das suas expedições, comunicando, aos seus clientes que todos os carregamentos deverão, de futuro, ser pagos em libras esterlinas.

A QUESTÃO DE MARROCOS
O exilio de Abd-el-Krim
MADRID, 21.—O conselho de ministros aprovou a convenção franco-espanhola sobre Marrocos, bem como o exilio de Abd-el-Krim na ilha da Retiniã.—(H.)

Os piratas nos mares da China
LONDRES, 21.—Interrogado sobre o estado do bloqueio do porto chinês, de Wu-Chow em cuja cidade foi há tempos assassinado um subdito britânico, o sr. Chamberlain declarou na câmara dos comuns que três navios de guerra foram para ali enviados, a pedido do côsul geral, e aos quais foram prometidas todas facilidades pelo governo de Cantão. Contudo, as organizações anti-estrangeiras fizeram toda a espécie de obstrucção, o que levou o comandante das forças navais britânicas, depois de vários dias de infructuosas negociações, a recorrer ao bloqueio.—(L.)

GARTA DO PORTO

A história de uma Inocência que abusou da inocência de muita gente

PORTO, 20.—O dia de hoje foi em cheio para o divertimento popular. De quando em vez, apparece sempre qualquer coisa de interessante e cómico para nos desopilar o fígado, bastante saturado pelas desilusões politicas do militarismo em cheque...

O nosso publico implacável teve ensejo de desferir uma lingua á vontade, dando vós largos aos seus juízos, aos seus concetos, ás suas sentenças de critica plebeia, mas muitas vezes sincera e acertada. O caso que deu substancial alimento a trama impiedosa do vulgo, fundamenta-se numa engraçada vigarice que empanou o brilho surripante das célebres séries recuperáveis...

Houve agora coisa melhor, «idealização inédita» bem mais lançada a público, «idealização» que, pelos seus excellentes resultados, foi originalmente comentadíssima em todas as casas, em todas as ilhas, em todas as ruas, em todos os cafés e, até, em todas as esquadras de policia. Porque esta, só de cabo de esquadra... Principiemos o fio à meada:

Lá para a rua do Bomjardim, af pelas alturas da Fontinha, habitava uma sr.ª que tem o nome catita de Inocência Rosa da Silva—como vêem, um nome próprio para figurar nesta ligeira novela sobre um dos mil—e um precalço da presente vida social-economica preñhe de entrugices, em tons maiores e menores...

A sr.ª Inocência, muito «inocentemente» conseguiu o meio de se milionarizar, moral, aliás, que está abrangida pela lisiologia educacional, exemplar, do sistema da exploração do homem pelo homem imperante. E' verdade que nesta história trata-se menos daquilo e mais da exploração do homem pela mulher, na impossibilidade da quele, como pretensão, poder explorar esta...

Como a Inocência é casada com um tal Genésio dos Santos Miranda Montenegro, ela, para conseguir o seu futuro «côr de rosa e todo escaudado de silvas macterantes», traçou logo nas páginas da sua biblia endrominadora a *gnésis* da sua criação de arrepanhaduras...

Começou por emprestar dinheiro a juros e, depois de se insinuar bem na clientela e de ter feito uma incansável propaganda dos seus teres e haveres, invertiu os papeis, quer dizer: converteu a sua casa numa... verdadeira casa de banco, a qual, por cada 1.000 escudos que lá fôsem depositar, concedia um prémio de 100\$00 de juros mensais, ou sejam 1.200\$00 por ano...

O negócio era tentador. A Inocência, fiando-se bem afinçada na inocência dos depositantes bestializados, ia-se fazendo a rogada. O exodo dos lorpas foi aumentando, a tal ponto, que até já havia quem desse preñetas à Inocência para que accitasse depósitos só que esta garantia: um simples recibo...

Quem acorreu, pressuroso, à casa bancária da Inocência não tratou de indaga, como é que ella podia conseguir dar 100\$00 de rendimentos mensais por cada mil escudos. Houve, positivamente, quem achou esses juros uma coisa demasiada, quasi impossivel, sem precedentes em qualquer das casas mais fortes do mundo...

Fôse como fôse: ella, generosamente, offerecia tão grandiosas vantagens, não era de perder. Que o roubasse ou que o perdesse de qualquer fortuna colossal que ella legitimamente possuísse, pouca importava. O essencial era que todos os meses, um-tim-por-tim-tim escarrasse aqueles ricos, ideais, chorudos 100\$00 por cada 1.000\$00. O resto léria. A sociedade não está baseada no egoísmo, na ganancia, na entrugice, na vigarice mútua? Ora pois...

A Inocência, foi, portanto, acumulando centenas de contos. Do capital de uns, foi pagando os juros de outros... e emprestando a outros ainda... Até que, atingindo as rosas da sua felicidade antevisa e construída à custa dos parvos, desapareceu... «meteu esporas ao cavalo» e fugiu para sitio onde ela só, até hoje, conhece—levantado, depois de atirar à cara dos endrominados com as aspermas silvas da sua habilidade «elegante» feminina, uma boa soma de centena de contos...

E agora o marido Genésio, vendo que a *gnésis* de toda esta trapalhada modelarmente vigarizante rendeu muito mais que os seus negócios de serração e de telha... portuguesa; vendo que o escândalo, em vez de trazer a alvorá dos Montes Claros, veio trazer a tantos corações alanceados, a escuridão dos montegones da affeição; vendo que a esposa se esgueirou, quia depois de lhe indicar o estratagem que agora tem de descalçar—lembrou-se de a denunciar à policia, segundo uns, a sério, segundo outros, para inglês ver e safar-se da conveniência que pudesse ter com o interessantissimo embroglão...

Isso pouco nos importa; o que nos importa é saber que na esparrela cairam muitos dos nossos argutos policiaes, chefes, cabos e simples agentes, que também foram depositar na caixa da Inocência alguns contos de réis; o agente da policia Administrativa, Artur Cardoso, calu com 15.000\$00; ¡Pudera! Eram, nada mais nada menos, do que um rendimento de 1.500\$00 por mês por aqueles 15.000\$00. Em dez meses tinha outros 15.000\$00... Elle era bôta...

Ora o mais engraçado de toda esta comédia burlesca foi justamente a entrada da policia em scena—ella que tinha obrigação de saber que a Inocência não poderia, mesmo de baixo de toda a sua reconhecida Inocência, fazer milagres de tal quilate. Ela, que dizem—foi instituída para, entre outras coisas, evitar as vigarices de todos os felizes, devia logo entender que se tratava de grosso vigarice...

Não lhe fazemos a injustiça de que não lhe conhecesse os propósitos. Mas o que ella, como os depositantes civis, quiz, foi, aproveitando-se da Inocência... da sr.ª Inocência, vigarizá-la por sua vez. E para isso houve guardas que venderam algumas propriedades suas que tinham na terra, para o produto ser depositado nas mãos da ban-